

**FILOSOFIA E CINEMA, UMA ARTICULAÇÃO
ENTRE O AFETIVO E O RACIONAL COMO
FORMA DE ENCAMINHAMENTO DO PENSAR:
um relato da experiência do projeto “Filosofia e
Cinema: estética e racionalidade da imagem”**

*Clédson L. Miranda dos Santos**

Resumo: O presente trabalho constitui-se num relato da experiência desenvolvida no projeto de extensão “Filosofia e Cinema: estética e racionalidade da imagem”, realizado na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb), no ano de 2005. O curso estruturou-se segundo a idéia de “conceito-imagem”, considerando a possibilidade de a imagem cinematográfica sintetizar, construir ou desenvolver conceitos com valor de verdade. O projeto desenvolveu-se partindo da exposição de grandes obras do cinema mundial contextualizadas em grandes temas da história da filosofia contemporânea.

Palavras-chave: Linguagem cinematográfica. Linguagem filosófica. Conceito-imagem. Racionalidade logopática.

* Especialista em Filosofia Contemporânea pela Universidade Estadual de Santa Cruz (Uesc). Professor do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas (DFCH/Uesb). Proponente e coordenador do projeto “Filosofia e Cinema: estética e racionalidade da imagem”, desenvolvido com a colaboração de professores da área de Filosofia e do Curso de Comunicação Social do DFCH, no ano de 2005. E-mail: cledson_miranda@yahoo.com.br.

Notas Iniciais

Ao longo de sua existência, o cinema tem sido visto como uma opção de entretenimento, de lazer e de informação. Alguns filósofos contemporâneos tematizaram sobre o cinema em suas obras, entretanto, somente na segunda metade do século XX, é que se perceberam tentativas de tecer reflexões de caráter filosófico com base na trama cinematográfica.

O projeto de se instaurarem grupos de discussões filosóficas tomando-se por base a exposição de filmes ganhou força no Brasil no final do século XX. Muitos pensadores brasileiros, não só críticos literários, aportaram-se em filmes para construir um pensamento conceitual acerca da sua realidade de estudo.

Este curso de extensão outrora proposto visou à instauração de grupos de estudo e reflexão de caráter filosófico, à semelhança de outros existentes em outras universidades brasileiras. Cabe aqui salientar que a Universidade de Brasília (UnB) é pioneira na implantação de cursos desta natureza ofertados a toda a comunidade.

Socializar as grandes idéias do legado filosófico é uma forma de não restringir a Filosofia ao âmbito universitário. Articulá-la com o cinema é uma maneira de torná-la acessível ao grande público. Assim, o pensar filosófico deixaria de ser algo restrito apenas aos iniciados numa linguagem e num mundo hermeticamente fechados.

Numa universidade como a UESB, que há muito tempo divulga as produções cinematográficas de vários países, por meio do *Janela Indiscreta*, este projeto veio somente acrescentar esforços no intuito de se propagarem grandes obras da cultura cinematográfica mundial. Outro aspecto de grande relevância é o fato de que nesta Universidade ainda não existe o curso de Filosofia e, dessa forma, um projeto que, além de expor filmes, os articulou com reflexões de caráter filosófico, resultou numa importante fonte de informações, questionamentos e indagações diversas.

Parte do público que se interessa por cursos desta natureza é formada de professores de Literatura, História, e, principalmente, de

Filosofia. Faz-se necessário apontar que muitos professores que lecionam a disciplina Filosofia nas escolas da região Sudoeste da Bahia não são habilitados na área, principalmente aqueles que trabalham em escolas da Rede Pública de Ensino. Este curso oportunizou a estes profissionais, além de conteúdo, estratégias metodológicas para se desenvolverem aulas em turmas do Ensino Médio. O projeto pôde viabilizar o enriquecimento das discussões de cunho filosófico no âmbito da sala de aula, uma vez que o cinema (em seus diversos formatos, principalmente o VHS e o DVD) é um valioso recurso para o trabalho com temas diversos. Deve-se considerar também o fato de que o cinema pode viabilizar a reflexão conforme a percepção estética, e isto pode ser um valioso instrumental (não só motivador) para o desencadeamento das atividades de ensino.

Para o público em geral, formado por graduados das diversas áreas de conhecimento (cinéfilos ou não) que se interessam pela reflexão filosófica, foi importante salientar que o curso tinha a oferecer a oportunidade de eles se familiarizarem com os grandes temas da história da Filosofia e com a linguagem filosófica articulada à linguagem cinematográfica.

Outro benefício foi o de propiciar aos cursistas um diálogo entre o conhecimento da Filosofia e o das suas respectivas áreas de formação ou atuação. Considerando-se o fato de que o público-alvo compôs-se dos graduados de diversas áreas e que o curso esteve aberto à comunidade (inclusive professores da UESB), é oportuno salientar que se possibilitou um diálogo mais fecundo entre as diversas áreas do conhecimento e o pensamento filosófico.

Um aspecto de grande relevância é que este projeto é fruto de pesquisas desenvolvidas em outras Instituições de Ensino Superior, onde o pensamento "*logopático*" é pauta de grandes discussões em cursos de extensão, projetos de mestrado e doutorado. Assim, baseando-se em reflexões proporcionadas por este curso, pôde-se vislumbrar a possibilidade de se desenvolverem, no âmbito da UESB, projetos de pesquisa nesta área.

Aportes Teóricos

A origem da Filosofia está diretamente ligada à sistematização do *logos*. O *pathos* não foi a tônica que fundamentou a tradição do pensamento ocidental. Na Pós-modernidade, surgiram correntes de pensamento que problematizaram a razão puramente lógica (*o logos*) com a qual a Filosofia habitualmente costumou enfrentar o mundo. De acordo com Cabrera¹ (1999), pensadores como Schopenhauer, Nietzsche, Kierkegaard e Heidegger introduziram no processo de compreensão da realidade o elemento afetivo (*o pathos*). Eles não se limitaram a tematizar o componente afetivo, mas também o incluíram na racionalidade como um elemento essencial de acesso ao mundo. O *pathos* deixou de ser um objeto de estudo para transformar-se numa forma de encaminhamento metodológico.

Ao longo de sua história, a Filosofia se desenvolveu por meio da palavra, e não da imagem. Na tradição ocidental, herdeira da cultura grega clássica, as imagens são impressões derivadas dos sentidos (principalmente da visão). Segundo Platão, os sentidos não nos dão acesso ao mundo verdadeiro. As palavras, que são a expressão do *logos*, estão articuladas aos conceitos e às idéias. Assim, a Filosofia, que se constituiu numa perspectiva logocêntrica, ligou-se à escritura, e não às imagens. Entretanto, afirma Cabrera (1999), “nada há na natureza do indagar filosófico que o condene inexoravelmente à escritura”.

Então, como se articula a imagem cinematográfica com o pensar filosófico? Tal qual Cabrera (1999) assevera, o cinema nos apresenta uma linguagem mais apropriada que a linguagem escrita para expressar as intuições que alguns filósofos tiveram acerca dos limites de uma racionalidade puramente lógica. Também não se constitui em um veículo puramente emocional de idéias; trata-se de um outro tipo de articulação racional, que inclui um componente emocional, porque a linguagem

¹ O trabalho desenvolvido teve como principal suporte teórico a obra do professor Dr. Julio Cabrera, da UnB, cujo livro **Cine, 100 años de Filosofía: una introducción a la Filosofía a través del análisis de películas**, que discute a articulação entre Filosofia e Cinema, ainda não foi editado no Brasil. Assim, as citações e referências que aparecem no texto constituem-se traduções não oficiais; entretanto, foi mantido o seu sentido original.

cinematográfica possui a capacidade de dizer as coisas num nível de articulação entre o intelectual e o afetivo. “O emocional não desaloja o racional, ele o redefine” (CABRERA, 1999). A apreensão de certos aspectos do mundo não parece se efetivar por uma total exclusão do elemento afetivo.

Visto filosoficamente, o cinema é a construção do que se pode chamar de conceito-imagem: um tipo de conceito visual estruturalmente diferente dos conceitos tradicionais utilizados pela filosofia escrita. Mas, como se caracterizam os conceitos-imagem? Cabrera (1999) aponta alguns critérios de definição para esta categoria:

- a) um conceito-imagem instaura-se e funciona dentro de um contexto de uma experiência específica;
- b) os conceitos-imagem do cinema produzem nas pessoas um impacto emocional que, ao mesmo tempo, diz-lhe algo a respeito do mundo e que tem valor cognitivo, argumentativo por meio de seu componente emocional;
- c) mediante uma experiência instauradora e emocionalmente impactante, os conceitos-imagem afirmam algo sobre o mundo com pretensões de verdade e universalidade;
- d) um filme inteiro pode ser considerado como um conceito-imagem de uma ou de várias noções. Um filme inteiro pode ser considerado um *macro-conceito-imagem*, composto por conceitos-imagem menores;
- e) os conceitos-imagem podem se desenvolver num nível literal do que está sendo mostrado nas imagens, mas também podem se desenvolver num nível ultra-abstrato. Quando se desenvolve num nível abstrato, o conceito-imagem permite uma melhor conceituação filosófica, mesmo quando se trate de um filme absolutamente fantástico, surreal ou irreal;
- f) os conceitos-imagem não são categorias meramente estéticas, pautadas no gosto. Não determinam se um filme é bom ou mau, de classe A ou C;
- g) eles não são privativos do cinema. São construídos e utilizados pela filosofia, como também, já tradicionalmente, pela literatura, para expor algumas intuições;

h) os conceitos-imagem proporcionam soluções lógicas, epistêmica e moralmente abertas e questionadoras para os diversos problemas filosóficos que aborda.

Simplificadamente, tal qual afirma Cabrera (1999), pode-se afirmar que o conceito-imagem consiste num encaminhamento, ou seja, um construir-se ao caminhar, em certa direção compreensiva, mas que não se consegue enclausurar num conceito definitivo, pois a imagem cinematográfica é movimento que tenta captar a dinâmica do real.

Assim como não se pode definir exatamente o que é conceito-imagem, não se pode também definir exatamente o que é cinema. Como assente Carrière (1995, p. 21), o cinema é uma experiência aberta, em permanente autodescoberta, uma linguagem que está sempre criando formas e se enriquecendo, fugindo constantemente das regras que tentam aprisioná-la em cânones que tendem à rigidez do dogmatismo cristalizado em conceitos.

O cinema é visto como uma autêntica fábrica de ilusões, de malabarismos, efeitos especiais (visuais e sonoros), de inverossimilhanças de todo caráter e de recortes absolutamente artificiais. Diante deste argumento, fazem-se pertinentes duas questões: a) Como algo que lida com uma linguagem tão inverossímil poderia conduzir à verdade pretendida pela Filosofia? b) Como podem situações particulares da vida humana conduzir à universalidade? Diante destas questões, faz-se pertinente considerar que o cinema consegue ultrapassar as limitações aqui implícitas porque a linguagem cinematográfica possui a capacidade de dizer as coisas num nível de articulação entre o intelectual e o afetivo.

Ao contrário da escrita, em que as palavras estão sempre de acordo com um código específico em que se deve conhecer ou ser capaz de decifrar, [...] a imagem em movimento está ao alcance de todo mundo. Uma linguagem não só nova, como também universal: um antigo sonho (CARRIÈRE, 1995, p. 19).

Aumont et al. (2002b, p. 159) corroboram com esta assertiva quando defendem que “a característica essencial dessa linguagem é

sua universalidade; ela permite contornar o obstáculo da diversidade das línguas nacionais. Realiza o sonho antigo de um ‘esperanto universal’ [...]”.

Para Aumont (2002a, p. 248), “toda representação é relacionada por seu espectador – ou melhor, por seus espectadores históricos sucessivos – a enunciados ideológicos, culturais, em todo caso simbólicos, sem os quais ela não tem sentido”. Considerando que tanto a linguagem imagética quanto a linguagem verbal estabelecem com o mundo uma relação representacional, pode-se afirmar que a linguagem cinematográfica, articuladora de ambas as linguagens, encerra em si diversos sentidos, porque é capaz de significar o mundo. Ainda segundo Aumont (2002a, p. 249), a imagem cinematográfica “só tem dimensão simbólica tão importante porque é capaz de significar – sempre em relação com a linguagem verbal”.

Aqui, também é necessário considerar a linguagem cinematográfica à luz do conceito de texto. Este conceito abrange todo uso de qualquer espécie de linguagem que, de uma forma concatenada, consegue articular uma significação do mundo. Considerando esta abrangência do conceito de texto e também o fato de que este não se reduz à escritura, pode-se afirmar que o cinema apresenta uma linguagem mais apropriada que a linguagem escrita para expressar o conhecimento imediato do mundo, as intuições. Muitos destes conceitos podem ser captados pelas imagens de um filme. O cinema consegue dar sentido cognitivo ao que muitos filósofos tentaram dizer por meio da escritura. Conforme relata Carrière (1995, p. 19), “um crítico americano, que via a câmera como um engenho capaz de converter o espaço em tempo e vice-versa, se referia sobriamente ao cinema como ‘a maior surpresa filosófica desde Kant’”.

Os conceitos-imagem não são qualidade exclusiva do cinema. A literatura, como produção artística, resgata, de acordo com intuições estéticas, verdades de valor universal. Alguns filósofos, como Heidegger, por exemplo, utilizam-se largamente de conceitos-imagem para expor algumas de suas intuições conceituais. Entretanto, no exemplo específico

do cinema, pode-se afirmar que os conceitos-imagem constituídos e utilizados desenvolvem-se com muito mais propriedade. A vida e o pensamento fluem continuamente. Não se pode dissociar o fluxo do vivido (o real) do fluxo do articulado (o representacional). A literatura e o cinema podem expressar o fluxo histórico-vivido, sem, contudo, reduzi-lo à mera representação, ou a conceitos puramente intelectuais. Parafraseando Cabrera (1999), se filosofar admite ser concebido como um tipo de captação do real mediante uma linguagem de imagens, sem imposições intelectualistas e sem a obrigação de ater-se a uma dada tradição, o cinema e a literatura podem ser filosóficos.

O pressuposto básico para que haja articulação entre a linguagem cinematográfica e a Filosofia é que nos disponhamos a “ler” o filme de maneira filosófica, ou seja, que o tratemos como um conceito imagético em movimento. Devemos impor à nossa leitura do filme a pretensão de verdade e de universalidade.

Objetivos

No transcorrer do curso, esperava-se que o público estivesse familiarizado com os temas e com as linguagens filosófica e cinematográfica e que pudesse promover o diálogo entre o conhecimento filosófico e o das suas respectivas áreas de formação ou atuação.

Entre os objetivos específicos propostos, podem-se destacar:

- a) divulgar e socializar com a comunidade as grandes idéias do legado filosófico produzidas no decorrer da história humana;
- b) contextualizar a imagem cinematográfica com base em grandes temas da Filosofia: o ser, a ética, a existência, a angústia, a morte, a realidade, a linguagem, etc.;
- c) oportunizar ao público acesso às grandes obras do cinema mundial, bem como contextualizar historicamente a obra cinematográfica;
- d) propiciar uma reflexão sobre as relações entre cinema e filosofia, evidenciando os componentes intelectuais e emocionais da racionalidade.

Filmografia e temas

Os temas trabalhados durante o curso estavam ligados ao pensamento de alguns filósofos contemporâneos. Assim, a filmografia, intencionalmente escolhida, refletia sobre tais temas, de forma a engendrar uma articulação intertextual entre a linguagem filosófica e a linguagem cinematográfica. Abaixo, seguem arrolados os filmes, os pensadores e os temas filosóficos por eles tratados:

- a) **A Felicidade não se Compra** (Arthur Schopenhauer: a existência, a vida, a dor, o tédio, a morte, etc.).
- b) **Tomates Verdes Fritos** (Martin Heidegger: a existência, a cotidianidade, a angústia, a vida, a morte, etc.).
- c) **El Mundo de Sofia** (O conceito de Filosofia, segundo a exposição da história da Filosofia).
- d) **Os Imperdoáveis** (Friedrich Nietzsche: a vontade de potência, o niilismo, o além do homem, amor ao mundo e ao destino, etc.).
- e) **Os Últimos Rebeldes** (Jean-Paul Sartre: a existência autêntica, a má-fé, a liberdade, o determinismo, etc.).
- f) **Paris/Texas** (Hegel: a dialética das idéias, a formação da subjetividade, o Absoluto, a cultura, a razão, a história, etc.).
- g) **Thelma e Louise** (Jean-Paul Sartre: a existência autêntica, a má-fé, a liberdade, o determinismo, etc.).
- h) **Vida de Cachorro, O Garoto** (Ludwig Wittgenstein: os poderes e os limites da linguagem, o silêncio, a demonstração, o sentido, o signo, formas de “dizer” sem o uso das palavras, etc.).

Metodologia utilizada

A metodologia visou provocar a participação ativa dos cursistas, buscando uma compreensão geral sobre os temas que eram trabalhados. O curso se desenvolveu em três momentos distintos: a) exposição da obra do autor estudado e de sua(s) temática(a) filosófica(s); b) exposição do filme relacionado com a(s) temática(s) abordada(s) pelo autor; c) contextualização logopática entre o filme e o tema estudado. O intuito

fundamental das técnicas que foram desenvolvidas foi o de promover a coletivização do conhecimento, pela socialização das idéias. Buscando alcançar um maior interesse pelos conteúdos abordados e otimizar o desempenho dos participantes, os temas filosóficos e os filmes foram assim trabalhados: a) exposições dialogadas; b) projeção de transparências; c) esquematização do conteúdo na lousa; d) projeção dos filmes; e) audição de músicas; f) leituras orientadas; g) discussão aberta e contextualização das obras cinematográficas com os temas filosóficos estudados.

Avaliação dos resultados

Conforme houvera sido planejado, no desenvolvimento do curso, esperava-se que o público fosse se familiarizando com os temas e com a linguagem filosófica, bem como a cinematográfica, e que pudesse promover o diálogo entre o conhecimento filosófico e o das suas respectivas áreas de formação e/ou atuação. Esta meta foi alcançada. Os cursistas conseguiram realizar as mais diversas contextualizações, analisando os temas, opinando, debatendo-os e discutindo-os. Avaliaram os conteúdos e a metodologia como satisfatórios, lamentaram a “curta” duração do curso (40 horas) e reivindicaram novos cursos desta natureza com uma carga horária maior. Desta forma, diante da avaliação realizada, pode-se dizer que o projeto, mesmo diante dos muitos percalços, logrou êxitos, pois seus principais objetivos foram atingidos.

PHILOSOPHY AND THE MOVIES, AN ARTICULATION BETWEEN THE AFFECTIONATE AND THE RATIONAL AS A WAY OF DIRECTING THE THOUGHT: A REPORT ON THE EXPERIENCE OF THE PROJECT “PHILOSOPHY AND THE MOVIES: AESTHETICS AND IMAGE RATIONALITY”

Abstract: This paper is constituted in a report of the experience developed in the extension project “Philosophy and Movies: aesthetics and rationality of the image”, accomplished in Uesb, in the year of 2005. The course was structured starting from the “concept-image” idea, being considered the possibility of the

cinematographic image to synthesize, to build or to develop concepts with value of truth. The project grew leaving of the exhibition of great works of the movies world contextualized with great themes of the history of the contemporary philosophy.

Keywords: Cinematographic language. Philosophical language. Concept-image. Logopathic rationality.

Referências Bibliográficas

AUMONT, Jacques. **A imagem**. Tradução de Estela dos Santos Abreu e Cláudio César Santoro. 7. ed. Campinas: Papirus, 2002a.

_____. et al. **A estética do filme**. Tradução de Marina Appenzeller. 2. ed. Campinas: Papirus, 2002b.

CABRERA, Julio. **Cine, 100 años de Filosofía: una introducción a la Filosofía a través del análisis de películas**. Barcelona: Gedisa, 1999.

CARRIÈRE, Jean-Claude. **A linguagem secreta do cinema**. Tradução de Fernando Albagli e Benjamim Albagli. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

Filmográficas:

A FELICIDADE não se Compra (It's a Wonderful Life). Produção e Direção de Frank Capra. Estados Unidos: RKO Radio Pictures Inc./Liberty Films, 1946. 1 DVD (129 min), áudio em inglês e legendas em português e espanhol, preto e branco.

EL MUNDO de Sofía (Sofies Verden). Produção de Oddvar Bull Tuhus e John M. Jacobsen. Direção de Eric Gustavson. Noruega/Suécia: NRK Drama/Filmkameratene AS, 1999. 1 DVD (90 min), áudio em norueguês e legendas em espanhol, colorido.

OS IMPERDOÁVEIS (Unforgiven). Produção e Direção de Clint Eastwood. Estados Unidos: Warner Bros, 1992. 1 DVD (131 min), áudio em inglês e espanhol e legendas em português e espanhol, colorido.

O GAROTO (The Kid). *Produção e Direção:* Charles Chaplin. Estados Unidos: Chaplin - First National Pictures Inc., 1921. 1 DVD (68 min), sem áudio e legendas em português e espanhol, preto e branco.

OS ÚLTIMOS Rebeldes (Swing Kids). Direção: Thomas Carter. Estados Unidos: Abril Vídeo, 1993. 1 videocassete (115 min), áudio em inglês e legendas em português, colorido.

PARIS/TEXAS (Paris, Texas). *Produção*: Anatole Dauman e Don Guest. *Direção*: Wim Wenders. *Alemanha Ocidental/França*: 20th Century Fox/Argos Films/Channel Four Films/ Project Filmproduktion/Road Movies Filmproduktion/Westdeutscher Rundfunk, 1984. 1 DVD (146 min), áudio em inglês e espanhol e legendas em português e espanhol, colorido.

THELMA e Louise (Thelma & Louise). *Produção*: Mimi Polk Gitlin, Mimi Polk e Ridley Scott. *Direção*: Ridley Scott. Estados Unidos: MGM /UIP/Pathé Entertainment, 1991. 1 DVD (130 min), áudio em inglês e espanhol e legendas em português, espanhol e francês, colorido.

TOMATES Verdes Fritos (Fried Green Tomatoes). *Direção*: Jon Avnet. *Produção*: Jon Avnet e Jordan Kerner. *Estados Unidos/Inglaterra*: Universal Pictures/The Rank Organization/Act III Communications/ Eletric Shadow Productions/ Avnet/ Kerner Productions/ Fried Green Tomatoes Productions, 1991. 1 DVD (124 min), áudio em inglês e espanhol e legendas em português e espanhol, colorido.

VIDA de Cachorro (A Dog's Life). Direção e Produção: Charles Chaplin. Estados Unidos: First National Pictures Inc., 1918. 1 DVD (40 min), sem áudio e legendas em português e espanhol, preto e branco.